



XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR
Blumenau - SC - Brasil

DO DESENVOLVIMENTO AO PÓS-DESENVOLVIMENTO DESCONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO COLONIALISTA - O CASO DA POPULAÇÃO AFROLIMONENSE DA COSTA RICA

Liliane Cristine Schlemer Alcântara (Universidade Federal de Mato Grosso (UFM) - lilianecsa@yahoo.com.br
Formada em Administração (SETREM/RS). Mestre em Administração (FCE/SP). Doutora em Desenvolvimento Regional pelo PPGDR (FURB). Professor Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA/UNE)

Luz Marina Vásquez Carranza (Universidad de Costa Rica (UCR)) - luzmarinavasquezdandy@gmail.com
Bacharel e Licenciatura em 'Enseñanza del Inglés'. Mestre em

Mamynne Correa da Costa Rodrigues (Universidade Federal de Mato Grosso (UFM) - mamynne@hotmail.com
Bacharel em Administração e Ciências Biológicas (UFMT). Mestre em Ecologia e Conservação da Biodiversidade (UFMT).

Joelson José da Silva Júnior (Universidade Federal de Mato Grosso (UFM) - joelson.jr16@gmail.com
Graduação em Gestão de Recursos Humanos (UNIP). Graduando em Administração (UFMT)

Do desenvolvimento ao pós-desenvolvimento

Desconstrução do imaginário colonialista - o caso da população afrolimonense da Costa Rica

INTRODUÇÃO

O conceito de desenvolvimento sempre esteve associado ao crescimento econômico e, apesar do termo representar uma fonte de emprego e renda, possui um custo ambiental e sociocultural alto. Sempre se acreditou que para chegar ao tão sonhado desenvolvimento proposto por Truman em 1949, se deveria destruir a natureza e crescer economicamente (ESTEVA, 2007). Entretanto, concluiu-se que um País, região, comunidade só são desenvolvidas se possuir recursos naturais capazes de garantir sua biodiversidade e sua sobrevivência sociocultural, política e econômica.

Conforme os Relatórios do Desenvolvimento Humano de 2019 e 2020 evidenciaram, muitas das desigualdades ao nível do desenvolvimento humano têm vindo a expandir-se, uma tendência que se mantém em 2021. Entre outras alterações perigosas à escala planetária, estão as mudanças climáticas; diminuição da mobilidade social; aumento da instabilidade social, entre outros (RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2019; 2020).

O paradigma da colonização de exploração se perpetua na nossa cultura na apropriação do espaço e na exploração dos recursos naturais sem limites. Os atuais padrões de consumo e produção são incompatíveis com a sobrevivência do planeta. É necessário que se restabeleça um equilíbrio urgente entre crescimento econômico, equilíbrio social e preservação da natureza. Precisamos mudar nossos modos de vida consumista e produtivista rumo a um desenvolvimento social, econômico, ambiental, político, ético, intercultural, transcendental e multidimensional.

Partiu-se desta premissa para levantar a seguinte questão de pesquisa: qual a importância dos valores ancestrais presentes nas práticas das comunidades afrodescendentes na desconstrução do imaginário colonialista por meio do modelo pós-desenvolvimentista do Bem Viver (BV), que se contrapõe à cultura dominante eurocêntrica e antropocêntrica?

Embora sobre o conceito original de Bem Viver se postulam concepções do Bem Viver de várias tradições indígenas como *aimará*, *quéchua*, *mapuche* e *guarani*, foi apropriado por grupos políticos, econômicos e intelectuais, e tem suas bases filosóficas centradas na ideia de viver em plenitude. Existe uma relação direta dos indicadores de Bem Viver publicados por Alcântara e Sampaio (2019; 2020) com as práticas identificadas nas comunidades afrodescendentes dos distritos de *Limón*, *Siquirres*, *Cahuita* e *Puerto Viejo* da Costa Rica. Em destaque aos temas que versam sobre: família, espiritualidade, cultura, gastronomia, língua e natureza.

Portanto, procurou-se aprofundar o diálogo destes temas, desde suas epistemologias, princípios e objetivos. Neste contexto, o objetivo deste artigo visa analisar indicadores de Bem Viver presente nas práticas socioculturais e ambientais das comunidades afrolimonenses da Costa Rica desde a perspectiva

decolonial. Metodologicamente utilizou-se de pesquisa bibliográfica, descritiva de cunho qualitativo e observação participante. A pesquisa qualitativa se deu por meio de entrevistas e grupos de discussão. Realizou-se uma pesquisa preliminar em 2019, com 34 (trinta e quatro) famílias afro-costarriquenhas e posteriormente, entrevistas com grupos de discussão durante o recorte temporal de 2020 e 2021 que incluiu um total de 6 grupos focais e 10 entrevistas com adultos.

Estruturou-se este artigo iniciando por esta introdução; em seguida um capítulo sobre a evolução do conceito de desenvolvimento até o pós-desenvolvimento e as correntes alternativas ao desenvolvimento; na sequência uma exposição sobre o Bem Viver, sua gênese e indicadores de Bem Viver; seguindo com os procedimentos metodológicos; o estudo de caso de comunidades limonenses da Costa Rica; a análise dos indicadores de Bem Viver na perspectiva pós-desenvolvimentista; e finalmente as conclusões e referências que embasaram o referencial teórico desta pesquisa.

DO DESENVOLVIMENTO AO PÓS-DESENVOLVIMENTO

Para Rist (2008) o desenvolvimento é um conjunto de práticas que possui a capacidade de transformação geral e que usualmente, leva a destruição do ambiente natural e das relações sociais, tendo o intuito de aumentar a produção de mercadorias direcionadas por meio do mecanismo de troca para a demanda efetiva. Nas últimas décadas, segundo a análise de Ferguson (1994) o desenvolvimento incorporou uma nova concepção com o advento da globalização, levando as relações de mercado e formas neoliberais de governo a um caráter mundializado.

Segundo Acosta (2016), o posicionamento produtivista e consumista favoreceu as práticas destrutivas de exploração e manipulação dos meios naturais. Os modos de operação capitalista desenvolveram e fomentaram concepções inconcebíveis, traçando a natureza enquanto fonte de recursos inesgotáveis. Para o autor, os objetivos econômicos, “uma vez subordinados as leis de funcionamento dos sistemas naturais e as demandas da sociedade, devem mirar o respeito à dignidade humana e a melhora da qualidade de vida das pessoas, das famílias e das comunidades, sem sacrificar a Natureza e sua diversidade” (p. 166).

Desde a década de 1970 surgiram modelos de desenvolvimento com propostas sustentáveis, como o ecodesenvolvimento, que antecede o termo desenvolvimento sustentável. O ecodesenvolvimento pode ser conceituado como um desenvolvimento endógeno que depende das suas próprias forças e possui como principal finalidade oferecer respostas à problemática da harmonização dos objetivos sociais e econômicos do desenvolvimento, por meio de uma gestão prudente dos recursos e meios (SACHS, 1986).

Já o termo desenvolvimento sustentável que sucede o termo ecodesenvolvimento é definido como aquele que supre as necessidades atuais sem comprometer as necessidades das gerações futuras (RAYNAUT; ZANONI, 1993). Entretanto, com a globalização, a busca constante por desenvolvimento de um mundo cada vez mais dinâmico, a fim de satisfazer as necessidades da geração presente resultou no rompimento entre o binômio homem-natureza,

tendo como uma das consequências colapsos climáticos e ecológicos (KRENAK,2019).

Somam-se esforços de modelos alternativos de desenvolvimento frente aos modos de vida antropocêntricos e desenvolvimentistas, responsável pelas emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE), que têm aquecido o planeta a uma taxa sem precedentes há pelo menos 2.000 anos, acelerando as mudanças climáticas. Percebe-se alguns esforços no intuito de diminuir os impactos causados pela crise socioambiental, econômica e sanitária resultantes do COVID-19 (IPCC, 2021) e do aquecimento global frente a introdução de modelos mais sustentáveis.

Em 2021, o Relatório especial do AR6 2022 (IPCC, 2021), destaca ser indiscutível e inquestionável o papel da influência humana no aquecimento do planeta. O AR6 sintetiza o conhecimento sobre as bases físicas das ciências relacionadas ao clima indicando que as mudanças recentes no clima não têm precedentes ao longo de séculos e até milhares de anos. O Relatório destaca que todas as regiões já são afetadas por eventos extremos como ondas de calor, chuvas fortes, secas e ciclones tropicais provocadas pelo aquecimento global. Concluiu-se que o aquecimento de 1,5°C a 2°C será ultrapassado ainda neste século se não houver forte e profunda redução nas emissões de CO² e outros GEE e pode levar até 30 anos para que as temperaturas se estabilizam (IPCC, 2021).

Embora já tenham se somado esforços no sentido de diminuir os impactos causados pelo homem ao ambiente, como a Agenda Mundial adotada durante a cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável em setembro 2015, composta por 17 objetivos e 169 metas a serem atingidas até 2030, os efeitos das mudanças climáticas se fazem sentir em todo planeta (NAÇÕES UNIDAS, 2021).

Em outubro deste ano, reiterando o acordo firmado em 2015, realizou-se o encontro do G20 em Roma (Itália), endossando os objetivos das ODS com o apoio da OCDE, da UN-Habitat, parcerias com empresas, cidadãos, universidades e organizações da sociedade civil, que comprometeram-se em somar esforços para alcançar: “[...] padrões de consumo e produção sustentáveis e gestão e redução de emissões, incluindo a adoção de abordagens de economia circular”, e apoio a “[...] ações locais de mitigação e adaptação ao clima” (G20 DECLARATION, 2021, p. 7).

Além de apoiar um planejamento integrado e inclusivo. Em sequência em novembro deste ano, ocorreu a 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática, COP 26, em Glasgow (Escócia), onde foi anunciada a transição para energias limpas com a redução de emissões líquidas para zero até 2050, 50% até 2030 e 25% nos próximos cinco anos (NAÇÕES UNIDAS, 2021).

No contexto das mudanças climáticas e aumento do capitalismo, surgem correntes pós-desenvolvimentistas e de transição, também chamadas de emergentes, na Europa e na América, como a Economia Social e Solidária (surgiu na Inglaterra no século XIX e chegou ao Brasil no final do século XX);

Economia do Estado Social (Pós II Guerra); Economia Ecológica (Século XX); Economia Solidária (Século XXI); Desenvolvimento Humano (SEN, 1989); Medição de género, desigualdade e pobreza (PNUD, 2019); Índice de Felicidade Bruta do Butão (ALAMINOS; LÓPEZ, 2009); Decrescimento (LATOUCHE, 2012; ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2021); Economia de Francisco (CARTA ENCÍCLICA LAUDATO SI' DO SANTO PADRE FRANCISCO SOBRE O CUIDADO DA CASA COMUM, 2015); na América Latina o Desenvolvimento a Escala Humana (MAX-NEEF, ELIZALDE, HOPENHAYN, 1991) e o Bem Viver (ACOSTA, 2016; GUDYNAS, 2011), entre outras.

Dentre as economias de transição citadas, destacam-se algumas práticas vigentes como: Agroecologia, Permacultura Urbana, *Transition Towns* (Cidades em Transição), *Slow Movement* (*Slow Cities, Slow Food, Slow Tourism, Slow Live*), Turismo de Base Comunitária (TBC), Economia *Donuts, Smart City* (Cidades Inteligentes), *Benefit Corporation*, Tecnologias Sociais, entre outros. Costa Rica é um modelo de Turismo Rural e Comunitário, como a Cooperativa COPRENA R- *Consórcio Cooperativo Red Ecoturística Nacional* - que fortalece os serviços de turismo nas comunidades, melhorando as condições de vida nas zonas rurais.

Embora algumas visões pós-desenvolvimentistas superem as correntes heterodoxas, que miravam os chamados “desenvolvimentos alternativos”, faz-se necessário criar “alternativas ao desenvolvimento”. Para Acosta (2016), este último conceito trata especificamente do Bem Viver. O Bem Viver incorpora a luta dos movimentos sociais dos povos indígenas e tradicionais e compreende a natureza como um ser vivo detentor de direitos (GUDYNAS, 2011). Alcântara e Sampaio (2017; 2019; 2020) estabelecem o paradigma biocêntrico do Bem Viver como uma prática dos saberes dos povos tradicionais estabelecendo relações com a natureza, chamado também de *Madre Tierra* ou *Pachamama*. Este paradigma inclui também os saberes das comunidades afrodescendentes.

O BEM VIVER NA CONCEPÇÃO ANDINA E PÓS-DESENVOLVIMENTISTA

A Natureza ou *Pachamama*, onde a vida se reproduz e se realiza, tem o direito de ter sua existência plenamente respeitada e a manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estrutura, funções e processos evolutivos. No entanto, os direitos fundamentais humanos são priorizados ou mesmo superiores aos direitos da natureza. Em direção ao reconhecimento desses direitos, visando a harmonia entre o fator econômico e ambiental, desafia-se o mundo com a proposta de harmonia entre Estado-natureza-sociedade em direção ao Bem Viver (BV) (LALANDER, 2015).

O fortalecimento do Bem Viver ou *sumak kawsay* (*quíchua*), *suma kamaña* (*aimará*), *kume mongen* (*mapuche*) e os direitos da Mãe Terra ou *Pachamama* tem sua origem nas comunidades indígenas (BARIÉ, 2014). O *Buen Vivir* ou *Vivir Bien* é uma filosofia de vida proposta e vivida por comunidades indígenas na América do Sul, especialmente nas comunidades *Quíchua* e *Aimará* na Bolívia e no Equador. Sua relevância surgiu no final da década de 1990 (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017). O Bem Viver é descrito como

uma filosofia de resistência por parte das comunidades indígenas. Trata-se de um modelo pós-desenvolvimentista, criado por Acosta (2016) como uma alternativa ao desenvolvimento.

O Bem Viver, enquanto alternativa ao desenvolvimento, exige outra economia. Uma economia sustentada naqueles princípios fundacionais desta proposta pós-desenvolvimentista, entre os que destacamos a solidariedade e a sustentabilidade, além da reciprocidade, a complementariedade, a responsabilidade, a integralidade (todos os seres vivos somos necessários ao planeta), a suficiência (e, de alguma maneira, também a eficiência), a diversidade cultural e a identidade, as equidades e, claro, a democracia (p. 163-164).

O movimento político e teórico Bem Viver possui significativa presença nos países da Bolívia, no Equador, na Colômbia, na Nicarágua, na Venezuela, no Panamá, na Guiana, no Peru, em Honduras e no México (MORAES; MORAIS, 2020). Entretanto, o tema tem protagonismo em duas constituições, como os casos da República do Equador - *Constitución de 2008, Plan Nacional para el Buen Vivir 2013-2017 e Plan Nacional de Desarrollo 2017-2021* e do Estado Plurinacional da Bolívia - *Constitución Política del Estado Plurinacional de 2009* (ALCÂNTARA 2019, 2020). A forma de compreensão na relação entre o ser humano e a natureza foi formulada e articulada incluindo os princípios da plurinacionalidade e da interculturalidade. Surge ante o caos dentro dos sistemas capitalistas ocidentais em que os bens materiais são valorizados acima do indivíduo e sua comunidade e da satisfação pessoal e espiritual (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2019).

Cabe destacar que embora Equador e Bolívia apresentam a proposta do Bem Viver em suas Constituições, sentem dificuldades para cumprir com o princípio constitucional do Bem Viver, “[...] devido seus governos transitarem por uma trilha neodesenvolvimentista, essencialmente extrativista, apegada a mesma lógica de acumulação capitalista” (ACOSTA, 2016, p. 238). A mesma lógica se refere a outros países que buscam por modelos mais sustentáveis. Para Boff (2014), o Bem Viver propõe a construção de uma nova ética. Essa seria pautada no comunitarismo, no biocentrismo, na solidariedade e na cosmovisão.

Apesar das constituições reconhecerem a natureza como um sujeito de direitos, esse assunto é pautado de forma diferente em ambas (MALDONADO, 2019). Na Constituição do Equador, o Bem Viver/*Buen Vivir* é apresentado como um direito que contempla água e alimentação, ambiente saudável, comunicação e informação, cultura e ciência, educação, *habitat* e moradia, saúde, trabalho e seguridade social (ECUADOR, 2017, s.d.), e que permite identificar correspondências entre eles e o *sumak kawsay*. De outro lado, na Constituição Política do Estado Plurinacional da Bolívia, promulgado em 2009, as referências ao Viver Bem/*Vivir Bien* aparecem no título sobre as bases fundamentais do Estado onde se abordam os princípios, valores e fins do Estado (art. 8), em que o Estado assume e promove princípios ético-morais de uma sociedade plural (BOLÍVIA, 2008; ALCÂNTARA, SAMPAIO, 2020).

Na República do Equador, as políticas do “*Plan Nacional para el Buen Vivir (PNBV)*” consideram a boa condição física e a possibilidade de desfrutar o

tempo de ócio de qualidade como parte dos objetivos das políticas de saúde, inclusão social e cultura (TORTOSA-MARTÍNEZ; CAUS-PERTEGAZ; MARTÍNEZ-ROMÁN., 2014). Neste sentido, para Alcântara e Sampaio (2017), “o Bem Viver relaciona-se à melhoria da qualidade de vida das pessoas (alimentação, vestimenta e habitação, por exemplo), o que se obtém por meio da educação, das relações familiares, trabalho, hábitos e ambiente [...]” (p. 234). Em outras palavras, desde a cosmovisão indígena, o bem-estar sociocultural e ambiental supera o ganho econômico.

Para Walsh (2007), a realidade atual dos países ditos “subdesenvolvidos”, emana da classificação racial da colonialidade do poder e a perspectiva eurocêntrica do conhecimento presente na colonialidade do ser e servem como a força mais forte, simplesmente porque historicamente se rejeitou certos grupos. Neste contexto, enfatiza o conceito da decolonialidade, que surge como forma de evidenciar as lutas dos povos e suas práticas sociais, epistêmicas e políticas. Nesse sentido, para Walsh (2005), parte-se “[...] de uma desumanização - do sentido de inexistência presente na colonialidade (de poder, de saber e de ser) - para refletir sobre as lutas daqueles povos historicamente subordinados” (p. 24-25). Para a autora (2005), decolonizar representa uma estratégia além da transformação; visa não apenas a transformação, mas a construção ou a criação, contra a negação e destruição de outras formas de conhecimento.

Ayala (2016) enfatiza que o BV em instituições educacionais tem uma grande valia, pois articula os direitos humanos com os direitos da natureza, contemplando uma educação para todos, visando o respeito, proteção e a restauração. Pois o conceito de natureza, é de certa forma, uma construção social, que desde a colonização tem sido desvinculado do ser humano, a tratando como um fator econômico que proporciona crescimento e desenvolvimento, se contrapondo a visão do BV que comunga a interrelação entre todos os seres. Para Moraes e Moraes (2020), no Bem Viver todos os seres vivos são parte do todo. A Natureza, portanto, “[...] é um sujeito de direito, de modo igual ao ser humano” (p.134).

De acordo com Acosta (2009), o Bem Viver, se contrapõe a visão de acumulação de bens como sinônimo de desenvolvimento e progresso, pois esta visão acaba levando a humanidade à autodestruição. Ou seja, é necessário com o BV, resolver os desequilíbrios existentes e incorporar critérios de suficiência antes de tentar sustentar, à custa do resto da população e da própria Natureza. Entretanto, para que a libertação da natureza ocorra é necessário um esforço político que passa a reconhecer que o sistema capitalista existente destrói as condições básicas para a existência. Acosta (2009) ressalta que muitos governos ainda estão vinculados a visões e práticas neo-desenvolvimentistas, que estão em permanente contradição com o espírito do BV. Portanto, não só é imprescindível a superação das práticas neoliberais, mas cada vez mais imperativo garantir a relação harmoniosa entre sociedade e natureza.

Gudynas (2011) ressalta que as relações existentes entre as estratégias de desenvolvimento e o contexto ecológico são bem estreitas, principalmente em países da América Latina, onde a economia ainda se apropria dos recursos

naturais e matérias primas com a desculpa de necessidade para que ocorra o desenvolvimento, realidade esta que se repete na América Central. Dessa forma, de acordo com Maldonado (2019), o BV e os direitos da natureza são entendidos ao mesmo tempo que a materialização da teoria pós-colonial e pós-desenvolvimentista latino-americana que questiona a modernidade como parte da negação do outro não europeu, tornando-se um novo paradigma político, econômico e cultura, repensando a relação ser humano-natureza-economia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo é resultado do estudo realizado no escopo do projeto de pesquisa intitulado “*Prácticas y discursos del Buen Vivir presentes en la cosmovisión de las comunidades afrolimonenses*” em parceria com o Grupo de Pesquisa em Alternativas ao Desenvolvimento, Inovação e Sustentabilidade (GPADIS) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e o *Centro de Investigación sobre Diversidad Cultural y Estudios Regionales, Sede de Occidente, Universidad de Costa Rica (CIDICER)* da *Universidad de Costa Rica (UCR)*, com vigência de 01 de março de 2020 a 31 de outubro de 2022.

Como instrumento de pesquisa utilizou-se a matriz de indicadores de Bem Viver de Alcântara e Sampaio (2019; 2020) formada por três dimensões: pessoal (harmonia consigo mesmo); social (harmonia com a comunidade integral); e Integral (harmonia com a natureza) e 17 indicadores: habitação, trabalho, tomada de decisão, religião e crenças, tempo livre e cultura, recursos materiais, emoções, educação, tecnologias de informação e comunicação, fatores produtivos, participação, família, segurança, relações de gênero e jovens, saúde, meio ambiente e pertencimento.

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, descritiva de cunho qualitativo com observação participante. Para o levantamento dos dados primários, foi realizada uma pesquisa qualitativa coletada por meio de uma pesquisa preliminar realizada em 2019, com 34 (trinta e quatro) famílias afro-costarrriquenhas. Posteriormente, foram realizadas entrevistas com grupos de discussão durante o recorte temporal de 2020 e 2021 que incluiu um total de 6 grupos focais (12 adultos e 10 jovens com idade entre 25 e 65 anos) e 10 entrevistas com adultos (8 mulheres e 2 homens com idade entre 35 e 70 anos). Além disso, se incluiu-se informação obtida por meio de observação em atividades sociais, culturais e religiosas dentro dos distritos da província de Limón: *Limón (cantón de Limón)*; *Siquirres (cantón de Pococí)*; e *Cahuita e Puerto Viejo (cantón de Talamanca)*, seguindo os protocolos de saúde recomendados pela Organização Mundial de Saúde.

Foram identificados dentre os 17 indicadores, 6 (seis) que na percepção das comunidades afrolimonenses são fundamentais para um Bem Viver: família, espiritualidade, cultura, gastronomia, língua e natureza. Para o levantamento dos dados secundários foram utilizadas as palavras-chaves na língua inglesa: *family, spirituality, culture, gastronomy, language and nature* e sua interface com o *Good Living*, utilizando-se para isto as bases de dados do Periódico CAPES, *Google Acadêmico, Web of Science* e *SciELO*.

ESTUDO DE CASO: COMUNIDADES AFROLIMONENSES DA COSTA RICA

Limón é uma província da Costa Rica (figura 1), fazendo fronteira ao norte com Nicarágua e a leste pelo Caribe e Panamá. Limón faz divisa ao norte com a República da Nicarágua, a nordeste com o mar do Caribe, a oeste com Heredia, Cartago e San José, a sudoeste com Puntarenas e a sudeste com o Panamá. Possui uma população total de 444.884 habitantes em uma área de 188,52 km². (INEC, 2012). Sua capital é a cidade de Limón. A província está dividida nos cantões de *Limón*, *Pococí*, *Talamanca*, *Matina*, *Guácimo* e *Siquirres*. A língua oficial é o espanhol, porém se falam outras línguas como o inglês e o *Kyrol* limonense e alguns idiomas indígenas, pois no que se concebe como *Alta Talamanca*, vive a população indígena *Bribri*.



Figura 1: Mapa da Província de Limón (Costa Rica)

Fonte: <https://espanol.mapsofworld.com/continentes/norte-america/costa-rica/provincias/limon.html>

A comunidade afrolimonense migrou para a Costa Rica por volta de 1870, final do século XIX, principalmente de ilhas do Caribe, como Cuba, *Jamaica*, *San Andrés*, *Santa Lucía*, *Barbados*, *Trinidad e Tobago*, *Haiti* e *Barbados*¹. Migraram como pessoas livres para trabalhar na construção da ferrovia e nas plantações da *United Fruit Company* ao longo da costa do Caribe (HERZFELD, 2016). Estas comunidades sempre se destacaram pelas suas práticas socioculturais e espirituais e por falarem a língua crioula limonense, práticas de herança ancestral africana que trouxeram consigo ao chegar à costa caribe costarricense.

¹É importante destacar que os primeiros afrodescendentes que vieram para a Costa Rica o fizeram durante o período colonial; foram trazidos pelos espanhóis como servos e muito contribuíram para construir nossa nação. Há poucas evidências de suas línguas ancestrais (HERZFELD, 2016).

Após 1948, esses povos afrodescendentes tiveram sua nacionalidade costarricense reconhecida e se converteram no que hoje se conhece como pessoas afrodescendentes. A língua dominante, o espanhol, foi imposta ao povo afro-costarriquenho, quando o governo costarriquenho construiu escolas em todo província de Limón. Consta que cerca de 47 escolas públicas foram construídas na província em um período de 4 anos e eventualmente substituíram as escolas inglesas que haviam sido construídas pelas colônias britânicas² que estabeleceu as igrejas protestantes. Este foi “um sinal claro da importância dada pelo governo para incutir a cultura dominante, resultando em um processo de colonização, tanto das crenças religiosas, como dos valores e da linguagem” (VASQUEZ-CARRANZA, 2020b, p. 12).

Em um estudo preliminar de Vasquez-Carranza (2019) com as comunidades de *Limón (cantón de Limón)*, *Siquirres (cantón de Pococí)*, *Cahuita* e *Puerto Viejo (cantón de Talamanca)* com 34 (trinta e quatro) famílias afro-costarriquenhas, identificou-se que em geral, os adultos têm muito orgulho de sua herança ancestral que inclui a sua língua crioula, e estão empenhados em transmiti-la aos seus filhos como forma de manter princípios ancestrais como a união familiar, práticas espirituais e culturais, pois esta língua vernácula é a língua que se utiliza no seio da família.

Entretanto, percebeu-se que a língua crioula limonense está debilitada entre as gerações mais jovens porque não aprenderam que sua língua vernácula faz parte de sua identidade. Embora esforços estejam sendo feitos para criar um sistema escrito para o crioulo limonense, alguns jovens afrolimonenses limonenses argumentam que, como sua língua vernácula não possui um sistema de escrita, é difícil mantê-lo e revitalizá-lo (VASQUEZ CARRANZA, 2019, 2020a, 2020b).

A pesquisa realizada no recorte temporal de 2020 a 2021, ressalta a necessidade de manter as práticas da herança ancestral dentro das comunidades limonenses de *Limón*, *Siquirres*, *Cahuita* e *Puerto Viejo*. Foram levantadas e analisadas 6 (seis) categorias destacadas dentro dos 17 indicadores de Bem Viver de Alcântara e Sampaio (2019;2020) pelas comunidades: família, espiritualidade, música, gastronomia, língua e natureza. Estes indicadores foram descritos como as principais ferramentas para manter e reforçar os valores e identitários culturais da herança ancestral da comunidade e para fortalecer o processo de decolonização imposta pela classe hegemônica.

ANÁLISE DOS DADOS

Na dimensão família se descreve a satisfação com a vida familiar, ressaltando a importância das práticas ritualísticas, principalmente em relação ao respeito pela sabedoria dos idosos, a quem se pede consentimento para a tomada de decisões de toda espécie (econômica, sentimental, religiosa, etc.). São eles que se encarregam de transmitir valores ancestrais tais como as

² Nessas escolas, apoiadas e administradas por várias denominações religiosas protestantes, a United Fruit Company e a United Negro Improvement Association (UNIA), entre outros grupos, a educação formal era ministrada em inglês (CASTILLO-SERRANO 2000).

receitas familiares, uso de plantas medicinais, amor pela natureza e mar, espiritualidade e língua crioula.

As avós são quem muitas vezes se encarregam do cuidado com as netas e netos, portanto são as principais transmissoras dos princípios da herança ancestral, incluindo os “contos de *Anancy*”, que são transmitidos oralmente e que incluem um personagem ancestral, *Anancy*, que é uma aranha astuta que sempre consegue escapar impune, que é conhecida pela comunidade como “trapaceira”. Estes contos geralmente são contados em crioulo limonense. Outra prática que diz respeito às pessoas idosas é que antes de iniciar qualquer atividade religiosa ou sociocultural, costuma-se pedir a benção fazendo-lhe uma reverência.

No que tange a espiritualidade, destaca-se o respeito por diferentes formas de práticas religiosas, pois significa uma conexão com ancestrais (transcendência), esperança e resiliência. A religiosidade traz consigo um vínculo em que não se tem a conotação de um templo, mas um lugar de apoio espiritual à comunidade e solidariedade. Nas comunidades afrolimonenses se praticam diferentes denominações religiosas cristãs, tais como o catolicismo, igrejas metodistas, adventistas, batistas, entre outras. Destaca-se o respeito que se tem para estas diferentes práticas religiosas, pois é comum ver pessoas de diferentes denominações reunidas para atender assuntos familiares, comunitários e sociais de maneira conjunta, onde cada um aporta sua prática religiosa.

Por outro lado, muitas destas celebrações religiosas nas igrejas protestantes ainda são professadas na língua inglesa, que chegou com a migração de pessoas procedentes das colônias britânicas das Antilhas e que também tem servido como língua de resistência ao lado da língua crioula. A música gospel, também é uma forma de resistência que se canta em inglês, com a qual se identificam a maioria das pessoas afrolimonenses, cuja letra é de herança africana, com um ritmo contagioso que representa um grito de liberdade das pessoas africanas escravizadas.

A música gospel nasce nas igrejas protestantes e se mantém até os dias de hoje com muita força. Muitas pessoas jovens com grande talento musical formam parte dos grupos de gospel. Incluso se realiza anualmente um festival gospel gratuito para o deleite da comunidade. Para a população afrolimonense, a música é a expressão da vida e está presente em qualquer tipo de evento social, religioso ou familiar, contagiando e alegrando, trazendo um sentimento de pertencimento.

Em relação ao aspecto cultural, identificou-se a música conhecida como *calipso*, que foi declarada patrimônio cultural imaterial em 2012 e se descreve como uma forma de transmitir e manter a cosmovisão, pois relata e denuncia condições sociais e climáticas, além de falar sobre o cotidiano e contar histórias da população afrolimonense por meio da língua crioula.

O *calipso* constitui-se a expressão musical e cultural afrolimonense por excelência. Se diz que essa música de herança cultural se sente somente por meio da língua vernácula, embora existam canções de *calipso* escritas em espanhol e em inglês. Segundo Danny Williams, calipsoniano e dono do grupo *calipso Kawe Calipso*, que participou de um dos grupos focais, “a música *calipso* é uma forma de manter e transmitir a língua e sentir as pessoas

afrodescendentes e uma forma de resistência”. Identificou-se também a cultura preservada no uso das vestimentas típicas cheias de cores e padrões africanos e nos penteados em festas tradicionais e nos cultos protestantes.

No que tange ao item da gastronomia inserido no indicador fatores produtivos e no indicador família é inegável a importância dos alimentos, dos produtos da terra e do mar que fazem parte da cultura destas comunidades. A gastronomia foi influenciada pela cozinha indígena, africana, antilhana e asiática, assim como também como a chinesa, já que Limón é um lugar onde convergem pessoas de diferentes nacionalidades, algumas desde finais do século XVIII (*bribri*, afro, chinesa) e outras que migraram nos anos recentes (principalmente da Europa).

Os pratos e bebidas tradicionais mais conhecidos são: *rice and beans*, *rondon*, *stew beans*, *bamí*, *patí*, *plantintá*, *pan bon*, *bamí fraykiek*, *hiel* (água de sapo), chá de diversas ervas, pão de banana e os *dumplings*, que são feitos a base de ingredientes locais como o leite de coco, gengibre e a *yuca*, assim como de produtos extraídos do mar (carne e ovos de tartaruga, peixe, lagosta, etc). A pesca é parte essencial do fazer e saber da população arolimonense. Segundo indicam as pessoas arolimonenses, seus ancestrais chegaram pelo mar e por isso ele tem um significado espiritual e de conexão com os ancestrais.

Da mesma forma, a língua crioula limonense a qual é de transmissão oral é uma forma de transferir os valores ancestrais e de manter a união entre as famílias, orgulho, herança e identidade cultural. Os participantes destacam que o crioulo limonense é uma manifestação de sua herança ancestral, embora uma porcentagem da população adulta (60 anos e mais) não reconheça que valha a pena por pertencer a geração que viveu no período em que os afrodescendentes obtiveram a cidadania costarricense. A língua vernácula era associada nesta época à falta de educação e sofisticação.

No final do século XX, as famílias arolimonenses desencorajaram o uso de sua língua vernácula e promoveram a aquisição do espanhol e do inglês padrão, já que ambos tinham mais prestígio. No entanto, como afirma um dos participantes dos grupos focais, “as novas gerações continuarão a usar a nossa língua ancestral porque é uma forma de resistir”.

Os jovens alegam que seus pais deixaram de insistir no uso da língua crioula, principalmente nas gerações menores de 15 anos. Por este motivo, está se esquecendo de maneira acelerada. Não obstante, alegam estar interessados em reunir esforços para fortalecer e revitalizar a mesma, pois a consideram parte fundamental do que significa ser afro. Junta-se a estes fatores, a possibilidade das pessoas mais jovens, terem a possibilidade de compreender quando seus pais e avós falam na língua crioula. Esta língua se encontra em todas as partes: na gastronomia, já que os nomes de muitas comidas tradicionais são falados nesta língua; na música *calipso*, pois se escreve e se vive principalmente em crioulo limonense; nos encontros familiares, pois é a língua que se usa nesses espaços.

Finalmente no indicador de meio ambiente/natureza e saúde, o destaque foi dado aos produtos que se encontram nos quintais e no mar. Todas as pessoas conhecem sobre os benefícios das plantas medicinais e ervas usadas para chás como: *soissorí*, folhas de manga, folhas de *guanábana*, folhas de limão, *tiva grass*, bambú, *bush tea*; plantas e tubérculos como: banana, inhame, *ñampi*, *yuca*, *hakee*, fruta do pão, *kalalu*, gengibre, quiabo, akee (ou seso vegetal), leite

e azeite de coco e o chile panamenho. O uso destas plantas foi associado a harmonia e a saúde física e mental da comunidade. Por exemplo, insistem na importância de manter em seus quintais e jardins plantas medicinais e afirmam que são pessoas saudáveis e fortes graças as infusões que realizam para prevenir qualquer enfermidade, este associado a saúde espiritual.

No quadro 1 realizou-se uma análise dos indicadores de Bem Viver, baseado na revisão de literatura e na matriz de indicadores de Bem Viver de Alcântara e Sampaio (2019, 2020) por um lado; e por outro, na perspectiva da comunidade Limón da Costa Rica.

Quadro 1: Indicadores de Bem Viver

Dimensões/ Indicadores	Perspectiva epistemológica do Bem Viver	Perspectiva da comunidade Limón
Família	A família é uma dimensão social de grande relevância para o Bem Viver (ALAMINOS, 2012). Para Torres-Solis <i>et al</i> (2020), toda a comunidade é pertencente à família, existindo uma relação de complementaridade e reciprocidade. Morales (2017) reforça que a família é um espaço onde é possível alcançar o bem viver a partir do trabalho cooperativo, estabelecendo um vínculo parental de ajuda, paz e harmonia. As relações de parentescos nas comunidades são fortalecidas por meio do trabalho em conjunto, da energia positiva e prestígio emanadas (BANEGAS e CORDERO, 2018).	Para a comunidade, a família tem destaque especial desde a importância das práticas de herança ancestral até o respeito à sabedoria da família e dos idosos. O conceito de família se estende a pessoas queridas e respeitadas, chamando-se de tio ou tia a uma pessoa que se considera exemplar. Por exemplo, uma senhora conhecida como tia Luísa, uma contadora de contos no distrito de Limón. O núcleo familiar cuida da família, por exemplo se alguém requer ajuda a família está pronta para colaborar (para o cuidado das crianças, quando se perde um trabalho, quando se está em dificuldades econômicas, para dar apoio moral, etc.).
Espiritualidade	Para Acosta (2016), é preciso compreender o Bem Viver, enquanto proposta holística, “[...] a diversidade de elementos a que estão condicionadas as ações humanas que propiciam o Bem Viver: o conhecimento, os códigos de conduta ética e espiritual em relação ao entorno, os valores humanos, a visão de futuro, entre outros” (p. 71). Neste sentido encontram-se na Pacha Mama o âmbito de interpretação da Natureza como um espaço territorial, cultural e espiritual. Para Moraes e Morais (2020), o Pachamamismo “[...] reverencia a espiritualidade, a magia, o mito, a natureza sociocultural e estética na construção do saber e do conhecimento” (p.142).	Respeito por diferentes formas de práticas da espiritualidade; conexão com ancestrais (transcendência), esperança e resiliência; vínculo da espiritualidade como um lugar de apoio à comunidade e a solidariedade. As igrejas protestantes na comunidade, ao contrário de outras regiões, colaboram para manter os ritos, mitos e cultura da comunidade por meio das músicas gospel que apresentam em suas letras a resistência das comunidades afrolimonenses.
Cultura	O conceito está inserido em uma determinada identidade cultural, com diversas expressões, mas com um	Destaque a música tradicional como o calipso, que faz parte das histórias de vida e do crioulo limonense.

	<p>núcleo unificador, uma essência em comum (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017). Neste sentido, o Bem Viver pode ser considerado um sistema aberto a novas influências culturais, gerando uma cosmologia, ou seja, a interculturalidade. O termo Pacha está na centralidade da cultura e da filosofia dos povos originários da região Andina (MORAES; MORAIS, 2020). Para Walsh (2019), na América Latina, e particularmente no Equador, o conceito de Interculturalidade “[...] assume significado relacionado a geopolíticas de lugar e espaço, desde a histórica e atual resistência dos indígenas e dos negros, até suas construções de um projeto social, cultural, político, ético e epistêmico orientado em direção à descolonização e à transformação” (p. 9).</p>	<p>Destaque também dado a música gospel, influenciada pelas Igrejas protestantes. Se assinala também o orgulho pela vestimenta típica cheia de cores e padrões africanos e nos penteados: o cabelo faz parte do biotipo afrolimonense do qual se sente muito orgulho. Para as pessoas da comunidade, vestir-se com suas melhores roupas típicas para ir a igreja, por exemplo, é muito importante. Possuem também um traje para enterros e sapatos típicos para homens, além da vestimenta e penteados para as mulheres. Além disso, celebram em 30 de agosto o <i>Gran Prade</i>, uma festa onde desfilam homens, mulheres e crianças, com trajes típicos de ascendência africana, desenhados especialmente para esta data. Em geral, durante o mês de agosto se celebra a afrodescendência, em diferentes distritos com desfiles. Exemplo: <i>Wolaba Parade</i> em <i>Puerto Viejo</i>.</p>
<p>Gastronomia</p>	<p>Para o Bem Viver, a gastronomia está inserida no contexto da segurança e da soberania alimentar, pois é direito dos povos de definir suas próprias políticas agropecuárias para a produção alimentar, além de proteger e regulamentar a produção e seus mercados domésticos (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017). Para Acosta (2016), a proposta do Bem Viver “critica o Estado monocultural; a deterioração da qualidade de vida, que se materializa em crises econômicas e ambientais; a economia capitalista de mercado; a perda de soberania em todos os âmbitos [...]” (p. 83).</p>	<p>Importância de produtos alimentícios, da terra e do mar que fazem parte da cultura desta comunidade, como pratos típicos os quais se encontram em todos os restaurantes locais em que em sua maioria pertencem a pessoas das comunidades. Incluem em suas receitas ingredientes herdados de seus antepassados, incluindo leite e azeite de coco, banana, yuca, entre outros, como se assinalou no texto. As pessoas geralmente cultivam seus próprios produtos em seus quintais, como indica uma das entrevistadas: “a natureza nos dá tudo que necessitamos para sobreviver”. Outra entrevista indica que “[...] se pesca tudo que se vai comer”. Isto demonstra a sustentabilidade e harmonia com o entorno, bem como a soberania e segurança alimentar, pois percebem a natureza como provedora e não como um bem que se deve explorar. Nos quintais se encontram grande variedade de frutas que também se utilizam diariamente: mamão, <i>pipa</i>, abacate, manga, <i>yuplón</i>, sapoti, graviola, maçã estrela e maçã d’água, cacau, entre outras.</p>

Língua	Para o Bem Viver a imposição de uma língua que não seja a crioula (nativa), legitima uma cosmovisão legitimadora de poder (ACOSTA, 2016). A língua é a estrutura fundamental a partir da qual a experiência do mundo da vida é possível, desde onde construímos nossa identidade individual e coletiva (VÁSQUEZ-CARRANZA, 2019; 2020a; 2020b).	O crioulo limonense é uma língua de herança ancestral a qual é uma forma de transmissão de valores, união entre as famílias, orgulho e identidade cultural. Se bem que esta língua vernácula tenha se debilitado nos últimos anos, ainda se escuta em todas as esquinas quando interagem pessoas afolimonenses. Apesar de ser uma língua nativa falada principalmente entre as pessoas idosas e maiores de 30 anos. Infelizmente não se faz um esforço consciente para fortalecer, revitalizar e manter esta língua, ainda que muitas pessoas jovens tenham mostrado hoje grande interesse pelo crioulo limonense e lamentam que não tenham sido ensinados na língua nativa desde sua origem.
Natureza	A natureza (Pachamama) é reconhecida como um sujeito de direitos (ECUADOR, 2017; BOLÍVIA, 2008; ALCÂNTARA, SAMPAIO, 2020). Segundo Moraes e Morais (2020), o movimento de vida (Pachamama) defende o trabalho de forma coletiva na comunidade, sem remuneração monetária, sendo que a principal recompensa para os membros é o bem-estar social, pois envolve toda a comunidade em um objetivo único, envolvendo a ajuda mútua e o compartilhamento do território, reforçando o elo da comunidade familiar mesmo sem a existência de laços sanguíneos entre os membros.	Tem na natureza a manutenção da sua cultura no uso de plantas medicinais como as ervas usadas para chás: <i>soissorí</i> , folhas de manga, folhas de <i>guanábana</i> , folhas de limão, <i>tiva grass</i> , bamboo, chá de <i>bush</i> ; plantas, tubérculos, frutas como: banana, inhame, <i>ñampi</i> , <i>yuca</i> , <i>haki</i> , fruta do pão, <i>kalalu</i> , leite de côco. O uso destas plantas está associado a harmonia, bem-estar e na saúde física e mental da comunidade, o que ficou evidente nos diálogos da comunidade.

Nota: construção dos autores

Percebeu-se nesta análise que as comunidades afolimonenses, principalmente a população mais jovem, se preocupa em reforçar e manter a cultura do crioulo limonense por ser uma forma de manter a união familiar e transmitir valores de herança ancestral. Também se ressalta como fator fundamental o apoio dos líderes comunitários às famílias, por meio da solidariedade, desde as diferentes denominações religiosas. Outro destaque refere-se a língua e as tradições do crioulo limonense (como o conto de Anancy), que para eles é algo para se orgulhar, ou seja, uma parte de sua herança e, portanto, parte de sua identidade cultural que deve ser resgatada e preservada.

Destaca-se que durante o último fórum organizado pela Associação de Mulheres Afrodescendentes do Caribe da Costa Rica (AMAR), realizado em 27 de agosto de 2021, decidiu-se que os próximos eventos serão promovidos usando a língua crioula. Esta rede de mulheres propôs que, durante qualquer

evento afro-costarriquenho, as palestras sejam feitas em crioulo limonense e que sejam traduzidas para o espanhol para os membros da comunidade que não o falem e entendam. Mas não só nos eventos que a língua deve ser usada, mas nos diálogos familiares e em atividades comunitárias formais. Esta é uma grande iniciativa que mostra o esforço em manter a língua vernácula e revitalizá-la dentro da própria comunidade.

Esta conscientização da comunidade de resgatar valores outrora substituídos pelo paradigma da colonização e dos processos de globalização e desenvolvimento de cunho produtivista e consumista, na família, espiritualidade, cultura, gastronomia, língua e natureza, demonstra um processo de decolonização destacado por Walsh (2005; 2007) e um encontro com os princípios de harmonia do Bem Viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se frente ao objetivo de analisar indicadores de Bem Viver presente nas práticas socioculturais e ambientais da Comunidade Afrodescendente Limón de Costa Rica desde a perspectiva decolonial, que o pós-desenvolvimento busca estabelecer alternativas lógicas heterodoxas, no qual o objetivo econômico não é o fim, mas um meio ou objetivo secundário, transcendendo ao modelo atual desenvolvimentista até um modelo de desenvolvimento mais inclusivo e equitativo, centrado na sustentabilidade, como é o caso do Bem Viver.

Desta forma, nota-se que muitos dos indicadores do Bem viver estão presentes nas comunidades afrolimonenses de Costa Rica, tendo em vista que o conceito de Bem Viver está relacionado como uma maneira de repensar o mundo em que vivemos, por meio de hábitos mais sustentáveis e interligados com a natureza, como os modos de vida preservados por meio da língua, uso de plantas, vestimentas, espiritualidade, comida e tradições.

Conforme disposto no presente artigo, pode-se citar o uso das plantas pelos membros da comunidade como remédios naturais que contribuem para uma melhora da saúde física e espiritual, bem como a manutenção dos traços originários da sua cultura como o resgate língua crioula, as tradições musicais como o *calipso* e a música gospel, o respeito à família, a manutenção dos ritos e costumes e a manutenção da gastronomia. Embora se perceba traços coloniais como a introdução da comida europeia e asiática, a comunidade mantém vivas algumas características tradicionais que constroem a identidade cultural do povo afrolimonense.

Desta feita, nota-se que os valores ancestrais trazidos para a realidade atual contrapõem com o cenário de desenvolvimento colonizador, em que a exploração dos recursos naturais segue de forma desenfreada e sem limites. A prática do Bem Viver estabelecida nas comunidades afrodescendentes analisadas, demonstra a relação de equilíbrio entre desenvolvimento e natureza que passou a ser adotado na corrente pós-desenvolvimentista, denominada por Acosta (2016) "alternativas ao desenvolvimento".

Assim, os temas levantados pelas comunidade limonenses, associados aos indicadores de Bem Viver, demonstram que a cosmovisão afrodescendente é um fator essencial para o bem-estar comunitário, e que, mais que um processo

de (re)existência é uma forma de resistência na manutenção de sua identidade cultural, da cosmovisão, da multidimensionalidade dos saberes, plurinacionalidade e interculturalidade, além de ser uma plataforma que dá espaço para o protagonismo dos povos afrodescendentes.

REFERÊNCIAS (NORMAS ABNT 6023/2018)

ACOSTA, A. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264 p.

ACOSTA, A. Derechos de la naturaleza y buen vivir: ecos de la Constitución de Montecristi. *Pensamiento Jurídico*, n. 25, p. 21-27, 2009.

ALAMINOS, A. *La medición del "Buen Vivir". Construyendo el Buen Vivir / Alejandro Guillén García, Mauricio Phélan Casanova (comp.)*. Cuenca, Ecuador: PYDLOS-Universidad de Cuenca, p. 163-178, 2012.

ALAMINOS, A.; LÓPEZ, B. La medición del desarrollo social. *OBETS: Revista de Ciencias Sociales*, 4, 2009, p. 11-24. Disponível em: <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/13390/1/Obets_4_02.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2021.

ALCÂNTARA, L. C. S. SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? *Revista Meio Ambiente e Desenvolvimento*. Vol. 40, abril 2017. doi: 10.5380/dma.v40i0.48566

ALCÂNTARA, L. C. S. SAMPAIO, C. A. C. Indicadores de Bem Viver: pela valorização de identidades culturais. *Revista Meio Ambiente e Desenvolvimento*. Vol. 53, p. 78-101, jan./jun. 2020. doi: 10.5380/dma.v53i0.62963

ALCÂNTARA, L. C. S. SAMPAIO, C. A. C. *Bem Viver e Ecosocioeconomias*. 1. ed. Cuiabá, EdUFMT, 2019, 96 p.

ALCÂNTARA, L. C. S. SAMPAIO, C. A. C. Decrescimento na perspectiva das cidades em transição: resiliência e ética socioambiental. v. 10, n. 2. *Fronteiras. Journal of Social, Technological and Environmental Science*. 2021: p. 81-96. <https://doi.org/10.21664/2238-8869>.

AYALA, A. B. Buen vivir con la naturaleza en las instituciones educativas: una necesidad en Boyacá, Colombia. *Culturales*, época II, vol. IV, n. 2, 2016.

BANEGAS, J. E. A.; CORDERO, M. A. G. *El trabajo comunitario en La Práctica Del Buen Vivir: Comuna Manteña de Agua Blanca – Ecuador*. Trabalho necesario, v. 16, n. 31, 2018.

BARIÉ, C. G. Nuevas narrativas constitucionales en Bolivia y Ecuador: *El buen vivir y los derechos de la naturaleza*. Latino américa, México, p. 9-40, 2014.

BOFF, L. *A grande transformação: na economia, na política e na ecologia*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOLÍVIA. CONSTITUCIÓN POLÍTICA DEL ESTADO PLURINACIONAL DE BOLIVIA. Bolívia, 2009. Disponível em: <http://www.harmonywithnatureun.org/content/documents/159Bolivia%20Constituccion.pdf>. Acesso em 11 nov 2021.

CARTA ENCÍCLICA LAUDATO SI' DO SANTO PADRE FRANCISCO SOBRE O CUIDADO DA CASA COMUM. Roma: 2012. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em 22 nov 2021.

CASTILLO-SERRANO, D. Understanding our past in the school experience. Afro-Caribbean schools in Costa Rica. *Revista Intersedes* 1, 2000, p.61-77.

ECUADOR. *Plan Nacional de Desarrollo 2017-2021: Toda una vida*. Quito: Secretaría Nacional de Planificación y Desarrollo, 2017. Disponible en: <<https://observatorio-planificacion.cepal.org/sites/default/files/plan/files/EcuadorPlanNacionalTodaUnaVida20172021.pdf>>. Acesso em 11 nov. 2021.

ESTEVA, G. Development. In: SACHS, W. *The Development Dictionary: a guide to Knowledge as power*. 12 ed. New York: Zed Books Ltd., 2007, p.143-145.

FERGUSON, J. *The anti-politics machine: "development", depoliticization, and bureaucratic power in Lesotho*. Cambridge/Nova York, Cambridge University Press: 1994.

GUDYNAS, E. Desarrollo, Derechos de la Naturaleza y Buen Vivir después de Montecristi. En: *Debates sobre cooperación y modelos de desarrollo*. Perspectivas desde la sociedad civil en el Ecuador. Gabriela Weber, editora. Centro de Investigaciones CIUDAD y Observatorio de la Cooperación al Desarrollo, Quito, p 83-102, 2011.

G-20 DECLARATION. *G20 Rome Leaders' Declaration*. Roma: 2021. Disponível em: <https://www.g20.org/wp-content/uploads/2021/10/G20-ROME-LEADERS-DECLARATION.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2021.

HERZFELD, A. De cómo el habla cotidiana de los limonenses llegó a categorizarse como idioma criollo: Recuerdos de una lingüista en su trabajo de campo. *Estudios de la Lingüística Chibcha* 35, 2016, p. 183-200.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS (INEC). *X Censo Nacional de Población y VI de Vivienda 2011*. Resultados Generales. San José, Costa Rica. Mayo, 2012. Disponible en: http://www.cipacdh.org/pdf/Resultados_Generales_Censo_2011.pdf. Acesso em 06 nov. 2021.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 85p.

LALANDER, R. Entre el ecocentrismo y el pragmatismo ambiental: Consideraciones inductivas sobre desarrollo, extractivismo y los derechos de la

naturaleza en Bolivia y Ecuador. *Revista Chilena de Derecho y Ciencia Política*, v. 6, n. 1, 2015, p. 109 -152.

LATOUCHE, S. Decrecimiento. Por que e como? In: *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*. Rio de Janeiro. Garamond, 2012.

MALDONADO, D. B. El constitucionalismo radical ambiental y la diversidad cultural en América Latina. Los derechos de la naturaleza y el buen vivir en Ecuador y Bolivia. *Revista Derecho del Estado*, n. 42, 2019, p. 3-23.

MAX-NEEF, M.; ELIZALDE; HOPENHAYN. *Human scale development: conception, application and further reflections*. New York: The Apex Print, 1991.

MORAES, I. A.; MORAIS, L. P. Política econômica no *Pachamamismo do Buen Vivir*. um estudo teórico. *Argumentos*, vol. 17, n. 1, 2020.

MORALES, V. R. Z. Economía Comunitaria desde la Perspectiva Intercultural de Género para el Buen Vivir de los Pueblos “Otra Economía es Posible”. *Revista Ciencia e Interculturalidad*, Año 10, v. 21, n. 2, 2017.

NAÇÕES UNIDAS. *Objetivos do desenvolvimento sustentável*. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br>. Acesso em 17 nov. 2021.

NAÇÕES UNIDAS. *COP26: cobertura especial da 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática*. 03 de novembro de 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/11/1769222>. Acesso em: 16 nov. 2021.

PNUD. *Informe sobre Desarrollo Humano 2019*. http://www.hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_es.pdf. Acceso: 18 nov 2021.

RAYNAUT, C.; ZANONI, M. La construction de l'interdisciplinarité en formation intégrée de l'environnement et du développement. Paris: Unesco (Document préparé pour La Réunion sur les Modalités de travail de CHAIRES UNESCO DU. *Développement Durable*. Curitiba, 1 - 4 juillet 1993 - mimeo).

RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO 2019. *Além do rendimento, além das médias, além do presente: Desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI*. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Lisboa, Portugal: 2019. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_pt.pdf. Acesso: 09 nov. 2021.

RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO 2020. *A próxima fronteira. O desenvolvimento humano e o Antropoceno*. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Lisboa, Portugal: 2020. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2020_pt.pdf. Acesso em 09 nov. 2021.

RIST, Gilbert. *The history of development from western origins to global faith*. 3 ed., Londres, Zed books, 2008.

SACHS, I. *Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir*. São Paulo: Vértice, 1986.

SEN, A. Development as capabilities expansion. *Journal of Development Planning*, 19, 1989, p. 41–58.

SENPLADES. Plan Nacional para el Buen Vivir 2009-2013. Quito: 2009.

SENPLADES. *Plan nacional para el buen vivir 2013-2017*. Quito: 2013.

SENPLADES - Secretaría Nacional de Planificación y Desarrollo. *Plan Nacional de Desarrollo 2017-2021. Toda una Vida*. Quito – Ecuador: 2017.

THE INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). *AR6 Synthesis Report: Climate Change 2022*. 2021. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-cycle/>. Acesso: 17 nov. 2021.

TORRES-SOLIS, M. RAMÍREZ-VALVERDE, B.; JUÁREZ-SÁNCHEZ, J. P.; ALIPHAT-FERNÁNDEZ, M.; RAMÍREZ-VALVERDE, G. Buen vivir y agricultura familiar en el Totonacapan poblano, México. *ÍCONOS Revista de Ciencias Sociales*, n. 68, v. XXIV (3er. cuatrimestre), 2020 p. 135 -154.

TORTOSA-MARTÍNEZ, J.; CAUS-PERTEGAZ, N.; MARTÍNEZ-ROMÁN, M. A. Vida Triste y Buen Vivir según personas adultas mayores en Otavalo, Ecuador. *Convergencia*, 21(65), 2014.

VÁSQUEZ-CARRANZA, L. M. Enero-junio. Señales de resistencia: El criollo en la provincia de Limón, Costa Rica. *Revista Fórum Identidades* 29(1), 2019, p. 147-167.

VÁSQUEZ-CARRANZA, L. M. Resistance or forgetting: Limonese Creole of Limon province, Costa Rica. *Revista Letras*, Universidad Nacional, 2020a.

VÁSQUEZ-CARRANZA, L. M. *Signals of resistance to maintain Limonese Creole in Costa Rica*. (Manuscript submitted for publication), 2020b.

WALSH, C. (Re)pensamiento crítico y (De)colonialidad. En: Walsh, C. (Ed.). *Pensamiento crítico y matriz (de)colonial*. Reflexiones latinoamericanas. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar Ediciones Abya-Yala, 2005.

WALSH, C. Interculturalidad, colonialidad y educación. *Revista Educación y Pedagogía*, XIX (48), 2007.

WALSH, C. Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)*, v. 05, n. 1, Jan.-Jul, 2019. <https://doi.org/10.15210/RFDP.V5I1.15002>.

